



AIDÉTICO E SOROPOSITIVO

ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DA CONCORRÊNCIA ENTRE QUALIFICADORES UTILIZADOS EM REFERÊNCIA A PORTADORES DO HIV¹

Giovanna Cristina Rodrigues Alves Rafael
(UFMG – Doutorado)
Débora Priscila Simião
(UFMG – Doutorado)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Giovanna Cristina Rodrigues Alves Rafael é doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Licenciada em Língua Portuguesa e Mestra em Estudos Linguísticos pela mesma universidade. Professora da rede pública de ensino básico do estado de Minas Gerais.</p> <p>Débora Priscila Simião é mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada no Curso de Licenciatura em Letras (Português/Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), com parte do curso feita na Universidade de Coimbra/Portugal por meio do Programa de Licenciaturas Internacionais - PLI.</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O presente estudo aborda a concorrência das lexias <i>aidético</i> e <i>soropositivo</i> na língua portuguesa. Os dados analisados pertencem à variante brasileira do português e envolvem notícias veiculadas desde a descoberta da AIDS, na década de 1980, até 2010. O aporte teórico que embasa este estudo é chamado de <i>lexicologia sócio-histórica</i>, um campo de estudos lexicológicos defendido por Cambraia (2013) que abarca, dentre outros pressupostos, os postulados da Sociolinguística Laboviana. Os resultados apresentaram, de fato, uma concorrência entre os itens lexicais estudados, de modo que <i>soropositivo</i> suplantou <i>aidético</i>, devido a mudanças no pensamento social em relação à doença.</p>	<p>This article presents a study about the competition of the words <i>aidético</i> and <i>soropositivo</i> in the Portuguese language. The data analyzed belong to the Brazilian variant of Portuguese and involve news from the discovery of AIDS in the 1980s until 2010. The theoretical contribution behind this study is named <i>socio-historical lexicology</i>, a field of lexicological studies advocated by Cambraia (2013), which includes, among other assumptions, the postulates of Labovian Sociolinguistics. The results presented, in fact, a competition between the lexical items studied, so that <i>soropositivo</i> supplanted <i>aidético</i>, due to changes in social thinking in relation to the disease.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Lexicologia sócio-histórica; Aidético; Soropositivo; Variação linguística; Semântica lexical.	Socio-historical lexicology; Aidético; Soropositivo; Linguistic variation; Lexical semantics.

¹ Trabalho originalmente apresentado à disciplina Lexicologia Sócio-histórica, sob a orientação do professor regente Dr. César Nardelli Cambraia, durante o mestrado das autoras, em junho de 2014.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em um documento divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2011, em referência à AIDS, podemos ler que “a linguagem molda as crenças e pode influenciar comportamentos. A utilização ponderada de linguagem apropriada tem o poder de fortalecer a resposta global à epidemia.” (UNAIDS/ONUSIDA, 2011²). Como se pode perceber, por meio da leitura desse excerto, a linguagem tem um papel importante na sociedade, o qual pode influenciar as relações sociais de maneira positiva ou negativa. Tal fato justifica certas mudanças que ocorrem no léxico de uma língua, como pode ser percebido na proposta da ONU sobre as mudanças na terminologia relacionada à AIDS (veiculada no referido documento).

De fato, nenhuma língua deve ser olhada desconsiderando-se o seu aspecto social, afinal, as línguas só têm vida enquanto são utilizadas em sociedade. Partindo, portanto, desse pressuposto, é que muitas correntes linguísticas de ordem histórico-social estudam as línguas não só pela sua estrutura, mas também pelo seu papel e pelo seu uso em sociedade. Dessa forma, pode-se afirmar que estudar uma língua é considerar todo o seu aspecto heterogêneo, i.e., os diversos usos que os falantes fazem dela.

Atentando-se à face lexical das línguas, a heterogeneidade não é diferente. Para um estudo completo do léxico, como de qualquer outra disciplina linguística, é necessário observar tanto os seus aspectos intralinguísticos quanto extralinguísticos. Isso porque somente olhando, de modo mais completo possível, para todos os aspectos que influenciam na formação e no uso lexical é que se pode compreender o funcionamento do léxico nas línguas em geral, sem deixar, contudo, de perceber os aspectos particulares de cada uma delas, já que, para além do caráter universal que norteia a linguagem humana, há também os aspectos determinados pela realidade sociocultural das línguas.

Com base nessas considerações sobre o papel social da linguagem e sobre a AIDS, é proposta, nesta pesquisa, uma breve análise da concorrência de duas formas diferentes usadas para denominar o mesmo referente: *aidético* e *soropositivo*, dois termos utilizados para designar as pessoas que convivem com o vírus da imunodeficiência humana (HIV). Este trabalho se propõe a verificar as ocorrências dessas formas e as conceituações que elas foram adquirindo, levando-se em consideração a evolução cronológica dos termos, bem como a analisar os fatores sócio-históricos que possivelmente influenciaram na passagem *aidético* > *soropositivo*. Parte-se do pressuposto, lançado por Georges Matoré (1973), de que, se há uma mudança na forma como algo é denominado, há também uma mudança, nem que seja mínima, na forma como a sociedade vê essa entidade ou objeto.

² Disponível em: https://www.academia.edu/27515233/Terminologia_AIDS_Portugu%C3%AAs_Agosto_2011.pdf.

1 LEXICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA

Por se tratar de um estudo lexical que considera o contexto social e a evolução temporal das palavras, o trabalho aqui feito tem como principal fundamentação teórica a chamada *lexicologia sócio-histórica*, uma abordagem de estudos lexicais defendida por Cambraia (2013). Baseando-se na lexicologia social de Georges Matoré (1973 [1953]) e na sociolinguística de William Labov (2008 [1972] e 2001), o autor propõe que os estudos sobre o léxico devem ser feitos a partir de observações do contexto sociocultural em que se dá o fenômeno, e essas observações devem ser encaixadas nos eixos *espacial, temporal e social*.

Além dessa conjugação entre lexicologia social e sociolinguística, Cambraia (2013) propõe outras mudanças para a composição da abordagem sócio-histórica, levando em conta as falhas apresentadas pela lexicologia social de Matoré. Primeiramente, o abandono das questões puramente linguísticas (as quais Matoré considerava como secundárias em seu modelo) deve ser reconsiderado, pois, de acordo com Cambraia (2013), a análise dos componentes semânticos das palavras ajuda a estabelecer critérios mais coerentes para o estabelecimento dos campos nocionais. Além disso, para Cambraia (2013), os recortes temporais e os limites bem definidos que foram estabelecidos por Matoré devem ser substituídos por uma visão mais dinâmica da evolução da língua e da sociedade, uma visão em que tanto a criação de uma palavra quanto a sua difusão possam ser invocadas para representar mudanças na história social.

Mas o que é a lexicologia social proposta por Matoré? Cambraia (2013) dá todo um panorama dessa abordagem de estudos lexicológicos surgida em meados do século XX. O autor inicia tal panorama dizendo que, apesar de não se poder afirmar com veemência tal fato, o surgimento da lexicologia social é atribuído a Matoré, especialmente após a publicação de *La méthode en lexicologie: domaine français*, em 1953. Essa abordagem de estudos lexicológicos de Matoré, de acordo com Cambraia (2013), é fundamentada em postulados, alguns dos quais são listados abaixo:

- Há uma indissociabilidade entre forma e conceito (rejeição da ideia de existência independente entre significante e significado);
- A criação de uma palavra equivale à formação de um conceito; essa criação começa na esfera individual e, com o passar do tempo, socializa-se e, conseqüentemente, abstratiza-se;
- A palavra serve de *mapeamento do mundo* por parte do falante;
- A palavra possui um caráter social, ou seja, é considerada um reflexo da sociedade;
- O vocabulário se organiza em relações sintagmáticas e paradigmáticas na mente dos

indivíduos (concepção estruturalista), e o fator social se configura como o principal fator da organização desse vocabulário;

- A sincronia e a diacronia não são rigidamente opostas, como na concepção estruturalista de Saussure – elas são *complementares*;

A partir desses postulados (ou pressupostos teóricos, para Cambraia (2013)), Matoré estabelece uma metodologia de pesquisa. Cambraia (2013, p. 162-163), citando Matoré, descreve brevemente esse método:

O método de Matoré inclui inicialmente o estabelecimento de recortes temporais, que devem considerar a noção de geração, que compreende faixas de tempo de 30 a 36 anos (p. 56-59). Esses “recortes racionais” devem ser fixados com base em datas importantes na história do léxico e da sociedade (e não simplesmente em datas da história política). Em seguida, são identificados em cada faixa de tempo campos nocionais (conjunto de palavras), baseados no “parentesco sociológico dos elementos” (p. 64-65). Os elementos que formam esses campos são as palavras-testemunho (elementos particularmente importantes em função dos quais a estrutura lexicológica se hierarquiza e se coordena): a palavra-testemunho é “um símbolo material de um fato espiritual importante, é a concretização de um fato de civilização” (p. 65-66). Ela não é caracterizada apenas por seu valor estático no interior do campo, pois manifesta também um dinamismo: “a palavra-testemunho é o símbolo de uma mudança, (...) é um neologismo; a mutação brusca que lhe dá nascimento é o sinal de uma nova situação social econômica, estética, etc.: ela marca uma virada” (p. 66, *itálicos do original*). Como são muitas as palavras-testemunho, devem-se classificar os campos nocionais com base em palavras-chave (uma noção de caráter social que expressa de maneira sintética a época estudada): essas palavras são “unidades lexicológicas que exprimem uma sociedade, consistem em um ser, um sentimento, uma ideia em que a sociedade reconhece como um ideal” (p. 67). As palavras-chave são divididas em principal e secundárias (p. 69), existindo entre elas uma hierarquia. Com base nesse método, é possível descrever campos nocionais de cada época, cujos elementos estão ordenados segundo fatores de ordem sociológica.

Matoré recebeu muitas críticas de diversos estudiosos da área. De acordo com os linguistas que eram seus contemporâneos, o método adotado por ele deixava de lado a análise semântica que poderia ser estabelecida entre os lexemas, baseava-se numa abordagem sociológica (e não linguística) e estabelecia relações considerando a *norma* da língua, e não o seu *sistema*. Além disso, a arbitrariedade na escolha e na organização dos campos nocionais, a adoção de recortes temporais baseados na teoria das gerações e várias outras questões ideológicas que perpassam o método foram pontos bastante criticados (CAMBRAIA, 2013).

Cambraia (2013) também tece críticas ao método de Matoré. O autor coloca em xeque a procedência do *corpus* utilizado para compor os campos nocionais que Matoré estabeleceu e afirma que esse lexicólogo não contempla uma parte considerável do léxico

francês, justamente pelo fato de o léxico de uma língua ser muito vasto, impossível de ser depreendido em sua totalidade. Além disso, o termo *sociedade*, segundo Cambraia (2013), foi utilizado por Matoré de maneira vaga; há uma certa negligência da heterogeneidade social, o que pôde ser observado no *corpus* do trabalho de Matoré (basicamente composto de textos de escritores e filósofos, membros das classes mais abastadas). Cambraia (2013) resume essas questões afirmando que a lexicologia de Matoré é *social*, mas não *sociolinguística*, por não contemplar essas diferenças inerentes à estrutura social.

O método de análise proposto por Matoré, de certa maneira, compõe a metodologia do estudo aqui feito. No entanto, alguns componentes foram modificados, a fim de adaptar todo esse método com base nas críticas que ele sofreu. Entre essas adaptações, inserem-se: (a) a adoção de recortes temporais não baseados na teoria das gerações, (b) a análise semântica, numa perspectiva *relacional*, das palavras selecionadas para o estudo e (c) a adoção de uma abordagem sociolinguística para analisar como o social e suas diferenças atuam sobre os neologismos. Como a metodologia aqui aplicada teve de ser restringida para fins didáticos, alguns pontos levantados pelas críticas não puderam ser analisados; no entanto, não deixa de ser feito, neste trabalho, um estudo de cunho *sócio-histórico*.

2 SOCIOLINGUÍSTICA: ALGUMAS IDEIAS

A Sociolinguística surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, sendo seu principal expoente o linguista William Labov. Segundo Labov (2008 [1972], p. 215), a língua é uma forma de comportamento social:

Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros. Os monólogos egocêntricos das crianças revelam ser desenvolvimentos secundários derivados do uso social da língua [...] e pouquíssimas pessoas passam muito tempo falando consigo mesmas. É questionável se frases que nada comunicam a ninguém façam parte da língua.

Essa junção entre língua e contexto social fez surgir alguns postulados e métodos de pesquisa na ciência linguística. A então chamada Sociolinguística Laboviana traz como principal postulado a análise linguística com base tanto nos fatores internos à língua quanto nos fatores externos a ela, estando aí incluso o fator social. Com isso, dados como o sexo³ do falante, a faixa etária, a região geográfica de nascimento e/ou de moradia e a escolaridade, por exemplo, receberam papéis importantes na análise de fenômenos de variação e mudança de uma língua. Além desses fatores (também chamados de *variáveis*,

³ O uso desse termo é explicado na descrição da metodologia desta pesquisa.

na terminologia da área), o contexto de enunciação e a estilística também exercem seus papéis na metodologia proposta pela Sociolinguística Laboviana.

A aplicação dessa metodologia culminou em diferentes generalizações, levando-se em consideração resultados de estudos feitos por Labov (2008 [1972] e 2001) e por outros linguistas, entre os quais Weinreich e Herzog, que trabalham junto com Labov em algumas pesquisas (LABOV; WEINREICH; HERZOG (2006 [1968])). Algumas dessas generalizações dizem respeito ao sexo do falante; em outras palavras, pelo que foi constatado nos trabalhos até então já feitos, o fato de ser homem ou mulher influencia nos fenômenos de variação e mudança de uma língua. As principais questões que serão tratadas aqui, com relação ao sexo do falante, são as *mudanças vindas de cima* (*changes from above*), as *mudanças vindas de baixo* (*changes from below*) e a relação de ambas com o *Paradoxo do Gênero* (LABOV, 2001).

As *mudanças vindas de cima* (*changes from above*) são casos de variação que têm um grau expressivo de consciência social, ou seja, os falantes são mais sensíveis a uma ou a outra variação e as classificam explicitamente como algo de prestígio ou estigmatizado. Geralmente, as variantes linguísticas consideradas de prestígio são aquelas vindas das camadas mais abastadas, dos chamados falantes cultos, o que explica o *from above* (LABOV, 2001)⁴. O uso do pronome *você*, no português do Brasil, como segunda pessoa do singular é um exemplo de mudança vinda de cima. Pelo que diversas pesquisas constataram, esse pronome de tratamento surgiu como *vossa mercê*, o qual foi instituído politicamente para tratar os membros da realeza, e, com o passar do tempo, foi se gramaticalizando, a ponto de perder, inclusive, material fonológico, devido à expansão do uso desse pronome e à sua dessemantização.

Já as *mudanças vindas de baixo* (*changes from below*) são os fenômenos de variação e mudança linguística em que não há uma consciência social forte – às vezes, não há qualquer traço de avaliação subjetiva por parte dos falantes. São as variantes linguísticas que não suscitam nos indivíduos avaliações do tipo “tal forma é prestigiada, então é bom usá-la” ou “a forma x é estigmatizada, então não é recomendável usá-la”. De maneira geral, tais formas surgem nas camadas mais baixas da pirâmide social, o que justifica a expressão *from below* (LABOV, 2001)⁵. No caso do português, o uso da forma *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural ilustra um tipo de mudança vinda de baixo, a qual não passou por processos de avaliação subjetiva forte por parte dos membros do topo da pirâmide social e, com o passar do tempo, por meio da gramaticalização dessa expressão, entrou no quadro pronominal da língua portuguesa, especialmente na variedade

⁴ Na terminologia proposta por Labov (1974 [1964]), muitas das mudanças vindas de cima se encaixam nos chamados *estereótipos* linguísticos.

⁵ Várias dessas mudanças, de acordo com a terminologia de Labov (1974 [1964]), podem se configurar como *marcadores* ou *indicadores*, a depender do nível de consciência social da variante.

brasileira.

E o que as mudanças vindas de cima e as vindas de baixo têm a ver com o sexo do falante? De fato, segundo Labov (2008 [1972]), as mudanças linguísticas são influenciadas por fatores externos, e o sexo, especialmente o feminino, desempenha um papel importante na manutenção ou no rechaço dessas mudanças. De acordo com esse autor, os homens, geralmente, iniciam o fenômeno da variação, mas são as mulheres as responsáveis por difundir ou por refrear esse fenômeno, algo que depende, justamente, do nível de consciência social da variante. Se a variante inovadora receber uma avaliação subjetiva negativa (estigma), as mulheres tendem a rechaçá-la, fazendo uso da forma variante dotada de prestígio social. No entanto, se a forma variante inovadora não tiver um nível de consciência social, a ponto de classificá-la como prestigiada ou estigmatizada, o sexo feminino tende a alavancar o uso dessa forma. Esse fato levou à formulação do *Paradoxo do Gênero*: “as mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas, mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas” (LABOV, 2001, p. 293).

Nesta subseção, foi dada uma atenção específica à questão do sexo do falante, pois essa variável foi utilizada na metodologia de análise utilizada neste trabalho, a fim de contemplar, em parte, os fatores sociais que devem acompanhar os estudos linguísticos e, de maneira especial, a abordagem sócio-histórica de estudos lexicológicos. Pretende-se verificar se tais postulados sociolinguísticos sobre o sexo do falante se confirmam nos dados aqui analisados.

3 SEMÂNTICA LEXICAL: ABORDAGENS COMPONENTIAL E RELACIONAL

Várias são as correntes teóricas que tentam dar conta da composição e da organização do acervo lexical das línguas naturais, bem como da aplicação dessa estrutura nos mais diversos ramos ligados à linguística, à computação, entre outras ciências. Algumas dessas correntes se voltam para a área cognitiva, ao tentarem descrever o léxico mental e criar um modelo de organização desse léxico no cérebro dos falantes. Outras se ocupam da formulação de redes semânticas e de outras relações lexicais, não sendo necessariamente ligadas à cognição; configuram-se como modelos de descrição lexical externa, ou seja, como as palavras se situam na realidade linguageira e se relacionam umas com as outras nessa realidade. É claro que não se pode excluir de todo a realidade interna nem a externa de cada um desses estudos, uma vez que a língua não acontece sem a conjunção dessas duas partes: “Movido por estímulos exteriores e interiores, o indivíduo é levado a comunicar-se, utilizando o instrumento coletivo de

comunicação e expressão: a língua” (BIDERMAN, 2001, p. 32).

Geeraerts (2010) mostra os caminhos pelos quais vem passando a Semântica Lexical, desde o seu surgimento. Segundo o autor, num primeiro momento, é possível falar em uma abordagem histórico-filológica, em que o objetivo central é estudar a mudança de sentido dos vocábulos. O autor mostra ainda a maneira como tal estudo era feito, observando-se os processos de mudança que norteavam tanto o sentido denotativo quanto o conotativo das palavras.

Na primeira metade do século XX (cf. GEERAERTS, 2010), começa a surgir, por influência do trabalho de Saussure, uma teoria semântico-lexical de base estruturalista. É a partir daí que nasce a noção de *campo semântico*, i.e., as várias significações assumidas por uma palavra, bem como as relações que ela estabelece com outros vocábulos. Juntamente com essa noção, há o surgimento de modelos que tentam dar conta da descrição e da análise do léxico das línguas. Cabe aqui explicitar, ainda que de modo bastante geral, dois deles: o *componencial* e o *relacional*, uma vez que exerceram papéis relevantes nas descobertas e no aperfeiçoamento dos estudos voltados ao caráter lexical das línguas, bem como pelo fato de ter sido o último deles o modelo escolhido para compor a metodologia de análise deste trabalho.

Uma descrição semântica do léxico feita sob o modelo *componencial* diz respeito à decomposição do vocábulo em traços, cuja função é caracterizar um referente A, formalmente representado por uma estrutura linguística, de maneira a restringi-lo, sem que ele se confunda com outro, B, por mais aspectos semelhantes que possam ter. É interessante notar que esse modelo, originalmente estruturalista, serviu de base, por meio de Katz e Fodor, à Semântica Gerativa. Esses autores foram os responsáveis pela introdução da análise componencial no Gerativismo. A certo ponto do desenvolvimento de sua teoria, eles resolveram estudar a semântica das línguas naturais sob uma perspectiva mais estrutural, o que agradou bastante a alguns gerativistas, surgindo, assim, a Semântica Gerativa, que chegou a tornar-se aparato, tal como fora a Sintaxe Gerativa, para o modelo de Gramática já proposto por Chomsky.

Como ocorre em toda área do conhecimento, o modelo componencial teve o seu apogeu e o seu esvaziamento no Gerativismo, visto que a Sintaxe pareceu voltar a ser foco dos estudos gramaticais. No entanto, essa volta à hegemonia sintática veio carregada de influências provenientes dos estudos semânticos citados. Cançado (2013) acredita, assim como Geeraerts (2010), que o que passou a existir, portanto, foi um estudo que contemplava tanto a Sintaxe quanto a Semântica, pois, apesar de haver uma grande preocupação com a estrutura argumental dos verbos – o que diz respeito à sintaxe –, o modelo de decomposição de significados, proposto pela Semântica, foi mantido. Em favor disso é que Geeraerts (2010) denomina os adeptos a essa nova teoria de *neoestruturalistas*,

uma vez que, claramente, se percebe que essas novas teorias acabam por retomar, de certa maneira, os modelos estruturalistas e gerativistas.

Por sua vez, o modelo *relacional*, também de base estruturalista e que foi retomado em outros modelos teóricos, como o Neoestruturalismo, diz respeito a uma análise feita a partir das relações que as palavras estabelecem umas com as outras. Relações como sinonímia, antonímia, hiponímia e hiperonímia são alguns exemplos dessas ligações. É nessa abordagem que estão inclusos trabalhos como a construção de redes de palavras, ou redes semânticas, a elaboração de dicionários e de programas computacionais de bases lexicais, entre outros.

A presente pesquisa, baseada no modelo de análise *relacional*, centra-se nessas relações semânticas citadas, a partir das palavras escolhidas como objetos de estudo. Pretende-se verificar, grosso modo, os *campos semânticos* de *aidético* e de *soropositivo*, uma vez que, apesar de serem comumente consideradas sinônimas pelo senso comum, tais palavras receberam significações diferentes ao longo do tempo, o que pode ter sido a causa da sobreposição de uso de *soropositivo* em relação a *aidético*. Tal análise se baseará nas palavras mais frequentes que coocorrem com as palavras-alvo (como serão chamados os vocábulos objetos de estudo), para se depreenderem as possíveis relações existentes entre tais itens lexicais e seus contextos de uso.

Uma vez adotado o modelo relacional para a análise aqui proposta, poder-se-ia pressupor que este se trata de um estudo cujas bases teóricas encontram-se no Estruturalismo, o que não é verdade. Embora seja o modelo relacional – nascido dos postulados da Semântica Lexical de base estruturalista – aqui adotado, é importante observar que ele foi modificado e adaptado às teorias sociolinguísticas, pois, como já explicitado, esta pesquisa tem caráter sócio-histórico.

Após essas breves considerações sobre as questões teóricas que embasam a pesquisa aqui feita, faz-se uma descrição da metodologia utilizada nas análises que este estudo se propõe a fazer.

4 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA

As formas lexicais escolhidas para este estudo são *aidético* e *soropositivo*⁶, dois substantivos/adjetivos comumente utilizados para designar a pessoa contaminada pelo vírus HIV (Human Immunodeficiency Virus), causador da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Acquired Immunodeficiency Syndrome - AIDS). A forma mais antiga é *aidético*, surgida nos primórdios do descobrimento e do avanço da doença; *soropositivo*, forma mais recente, surgiu através de uma mudança na terminologia para designar a

⁶Foram selecionadas somente as formas no singular e no gênero não-marcado (masculino).

doença e, conseqüentemente, os doentes; além de *terminológica*, tal mudança configura-se também como uma mudança *social*, porque tem o objetivo de minimizar o preconceito e a rejeição sofrida pelas pessoas que vivem com o HIV⁷.

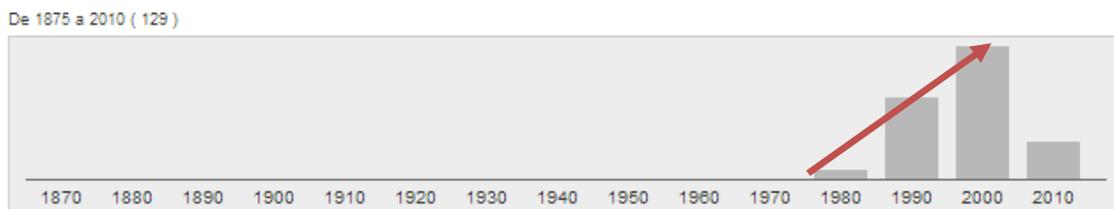
Para a verificação do padrão inverso de frequência das formas analisadas (algo importante para se verificar uma mudança de usos lexicais na sociedade e um dos primeiros passos para a pesquisa em lexicologia sócio-histórica), foi utilizada a ferramenta de contagem de ocorrências, por meio de gráficos, disponibilizada pelo acervo digital do *Estadão*, periódico jornalístico de circulação nacional com sede em São Paulo/SP. A seguir, encontram-se os resultados que confirmam o padrão inverso⁸:

Figura 1 – Padrão de ocorrência da forma AIDÉTICO no periódico *Estadão*



Fonte: Jornal Estadão.

Figura 2 – Padrão de ocorrência da forma SOROPOSITIVO no periódico *Estadão*



Fonte: Jornal Estadão.

O *Estadão* foi utilizado apenas para verificar, de forma mais visual, o padrão de ocorrências das palavras em estudo, já que, no site, era oferecida a ferramenta de localização de itens lexicais – algo não encontrado, à altura da feitura desta pesquisa, em outro periódico jornalístico do Brasil. O periódico utilizado para a verificação e a análise, de fato, das ocorrências de ambos os qualificadores foi o *Jornal do Brasil* veiculado no Rio

⁷ Apesar de ter se iniciado em épocas anteriores, essa mudança na terminologia relacionada à AIDS é formalmente tratada somente em 2011, no documento disponibilizado pela ONU que foi referido na seção introdutória deste trabalho. Nesse documento, questões sobre preconceito e inclusão são discutidas, tomando como base as definições dadas para os termos comuns e específicos utilizados nesse contexto. O documento está disponível na internet, podendo ser acessado no endereço: <http://www.onu.org.br/un aids-lanca-documento-em-portugues-com-%E2%80%9Cdiretrizes-de-terminologia%E2%80%9D/>.

⁸ As ocorrências anteriores a 1980, evidenciadas pelo gráfico correspondente à forma *aidético*, não são, de fato, usos dessa palavra. A AIDS surgiu nos anos 1980; antes disso, a ferramenta OCR do periódico leu erroneamente algumas palavras (como Alberico e Atlético) e as colocou como ocorrências da forma mais antiga de denominação das pessoas com AIDS. No caso do ano de 2010, possivelmente, esse erro de leitura pode ter acontecido novamente.

de Janeiro. Os textos foram extraídos da Hemeroteca Digital Brasileira, sítio eletrônico da Fundação Biblioteca Nacional que contém arquivos da imprensa periódica do país⁹. De acordo com a pesquisa no *Jornal do Brasil*, a ocorrência simultânea dos nomes analisados se deu no ano de 1987, e a última apareceu no ano de 2007. Uma ou outra forma não apareceu em alguns anos (por exemplo, *aidético* não ocorreu em 2006, mas foi utilizado em 2007). É interessante pontuar que o *Jornal do Brasil* foi o periódico brasileiro que veiculou a primeira notícia sobre a AIDS no país, de acordo com a Fundação Oswaldo Cruz.

Após a contagem das ocorrências de *aidético* e de *soropositivo*, foi feito um recorte temporal para a verificação da frequência de cada uma dessas palavras por faixa de tempo. Dessa maneira, foram estabelecidos cinco recortes sincrônicos que vão desde 1986 a 2010. A frequência de cada item lexical, bem como os índices percentuais, por faixa sincrônica, encontram-se abaixo:

Tabela 1 – Números absolutos e índices percentuais de ocorrência das formas *aidético* e *soropositivo* no corpus

Sincronia	Aidético		Soropositivo	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
1986-1990	392	96,79	13	3,21
1991-1995	175	69,72	76	30,28
1996-2000	52	39,69	79	60,31
2001-2005	22	28,57	55	71,43
2006-2010	2	10,53	17	89,47

Fonte: Autoria própria.

Ao todo, fazem parte do *corpus* desta pesquisa 50 textos jornalísticos do *Jornal do Brasil* (RJ), veiculados entre 1986 e 2010 – 10 textos para cada sincronia estabelecida. Tais textos foram selecionados na ordem em que apareceram, para manter a diacronia – principal variável – em foco, mas foi levada em conta a autoria explícita, ou seja, foram recolhidos, para cada quinquênio, os dez primeiros textos em que as formas lexicais estudadas ocorreram, considerando-se, para essa seleção, apenas os textos em que foi possível saber o sexo do enunciador¹⁰, o qual foi depreendido por meio das assinaturas

⁹ Disponível em <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> . Acesso em: 25/mai./2014.

¹⁰ Nesta pesquisa, não tratamos da variável *gênero*, sociologicamente, um conceito identitário, pois, no período em que foram veiculados os textos (final do século XX), as discussões sobre gênero e sexo biológico ainda não tinham força; ademais, o contato com os jornalistas para uma entrevista sobre suas identidades de gênero se fez inviável durante o período da pesquisa. Contudo, acreditamos que o sexo biológico também pode ser considerado social, uma vez que nascer homem ou mulher, fisiologicamente falando, leva o indivíduo a se comportar de determinada maneira. Nossa abordagem, portanto, alinha-se aos estudos pioneiros em Sociolinguística, tais como os de Labov (2001), mas estamos cientes da discussão atual que versa sobre o par gênero/sexo, a qual pode ser vista, por exemplo, em Severo (2006).

das matérias. A tabela a seguir apresenta a distribuição das ocorrências entre os jornais selecionados para cada período:

Tabela 2 – Índices percentuais de ocorrência das formas *aidético* e *soropositivo* por quantidade de textos recolhidos

Sincronia	Aidético		Soropositivo	
	Ocorrência da forma em %	Número de jornais	Ocorrência da forma em %	Número de jornais
1986-1990	96,79	9	3,21	1
1991-1995	69,72	7	30,28	3
1996-2000	39,69	4	60,31	6
2001-2005	28,57	3	71,43	7
2006-2010	10,53	1	89,47	9

Fonte: Autoria própria.

O formato em que os textos foram coletados correspondia a um arquivo de imagem. Com isso, fez-se necessário executar a ferramenta OCR, para que as imagens fossem convertidas em textos. Após esse processo, os dados convertidos em arquivos de extensão .txt foram tratados no software AntConc, ferramenta de computador que disponibiliza informações como a frequência de palavras, as palavras coocorrentes com as palavras-alvo, entre outras informações. Isso foi feito para que pudessem ser analisadas as formas lexicais *aidético* e *soropositivo* em seus contextos de uso, no intuito de deprender como se deu o padrão inverso de uso dessas formas.

Conforme dito anteriormente nesta seção, os textos selecionados contêm informações sobre o sexo do usuário das palavras estudadas. Esse critério metodológico foi aplicado para que, além da diacronia, a análise pudesse contemplar, pelo menos, uma variável extralinguística relacionada ao indivíduo (diastatia). Faz-se, portanto, uma análise intra e extralinguística do uso das formas lexicais elegidas para o estudo. Contudo, é válido ressaltar que, uma vez que a diacronia é o foco da análise da variação lexical aqui estudada, o recolhimento das amostras por sexo se mostrou sem equiparação do número de indivíduos – há 32 textos de homens (64%) e 18 de mulheres (36%). Mesmo assim, optamos por manter o estudo de sexo aqui descrito, para que pesquisas futuras possam se aproveitar dessa abertura para aperfeiçoar o método de Cambraia (2013).

Para fomentar a análise essencialmente linguística, optou-se por conceitos relacionados à abordagem lexical *relacional*, uma vez que, tal como dito na seção anterior, pretende-se analisar como *aidético* e *soropositivo* receberam significações, com o passar do

tempo, por meio de palavras coocorrentes; verifica-se, portanto, as possíveis *relações* existentes entre as palavras-alvo e as palavras que se fazem presentes nos contextos em que as primeiras ocorrem. Os recursos de coesão textual, particularmente a referência, também fazem parte das análises, uma vez que é objetivo verificar a posição de surgimento da forma *soropositivo* na cadeia referencial dos textos coletados para atestar que ela, de fato, se trata de uma lexia nova em relação à sua concorrente. Por fim, os trabalhos de Labov, Weinreich e Herzog (2006 [1968]) e de Labov (1994, 2001 e 2008 [1972]) embasam as análises de natureza extralinguística, por englobarem, na metodologia de pesquisa, variáveis sociais e temporais, estas que, de certa maneira, também compõem os dados aqui analisados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nas seções que se seguem, são apresentadas as análises que foram feitas no *corpus* compilado para o estudo aqui relatado.

5.1 CONCEITOS QUE PERPASSAM *AIDÉTICO* E *SOROPOSITIVO*: UMA ABORDAGEM RELACIONAL DO LÉXICO

Nesta primeira parte das análises, são esquematizados os conceitos que perpassam *aidético* e *soropositivo*, a partir da abordagem relacional de estudos de semântica lexical. Por meio dessa abordagem, pretende-se elucidar algumas características semânticas que perpassam as palavras-alvo, a partir dos contextos linguísticos em que elas foram utilizadas, no intuito de depreender o percurso de construção de sentidos pelo qual cada uma dessas palavras passou e de verificar as possíveis razões de sobreposição de uma ou outra forma com o passar do tempo.

O quadro apresentado a seguir mostra, na *ordem de frequência*¹¹, as palavras que ocorreram nos contextos em que *aidético* e *soropositivo* foram utilizados. Foram excluídas as palavras gramaticais¹², como preposições e conjunções; as palavras lexicais são compostas, essencialmente, de substantivos e de adjetivos. O software AntConc não detectou, entre as palavras mais frequentes, advérbios terminados em *-mente* e verbos em profusão, a não ser os copulares, que tiveram uma frequência bastante expressiva; tais verbos não foram incluídos entre as palavras do quadro abaixo, por se tratarem de verbos que assumem, também, funções gramaticais.

¹¹ A lista de frequência é composta de palavras que tiveram cinco ou mais ocorrências nos textos.

¹² O processo de exclusão das palavras gramaticais foi feito manualmente.

Quadro 1 – Lista de palavras coocorrentes com as formas *aidético* e *soropositivo* no corpus, por ordem de frequência

AIDÉTICO	SOROPOSITIVO
AIDS, doença, anos, aidético , caso, diz, pessoas, aidéticos , médicos, problema, empresas, risco, vida, Brasil, funcionários, médico, pode, fazer, maioria, pessoa, ter, vírus, maior, tratamento, Hospital, Saúde, dia, disse, doente, família, grupos, paciente, casos, HIV, hospital, sangue, sociedade, artigo, diretor, doentes, empresa, exemplo, falta, grande, grupo, nada, tempo, trabalho, afirma, casa, cidade, deve, faz, homossexuais, hospitais, indução, medo, mundo, pacientes, portadores, prevenção, princesa, teste, têm, vai, vez, amigos, ano, buddy, Estados, hora, melhor, mão, Nacional, nome, número, positivo, revista, serviço, sexual, uso, América, ator, banco, buddies, chegou, coisa, contágio, dias, década, Estado, evitar, fez, filme, Globo, inflação, jovens, meses, momento, morte, mês, ninguém, nunca, país, população, possibilidade, primeiro, psicanalista, público, relação, saúde, camisinha, claro, classe, Clínicas, começou, companhias, condições, cuidados, doenças, entrevistas, falar, Fundação, Ministério, nacional, parece, passado, países, podem, ponto, preconceito, professor, própria, relações, semana, vem, vezes, única, absurdo, agora, ameaça, amigo, assistência, Associação, assunto,	AIDS, anos, doença, pessoas, HIV, conta, pacientes, soropositivo , ano, ter, Brasil, Saúde, tratamento, vírus, vida, dia, medicamentos, países, tempo, disse, preconceito, drogas, faz, saúde, África, grupo, mundo, soropositivos , nunca, paciente, universidade, vezes, patente, professor, acordo, amigos, ator, cidade, fazer, fez, remédios, sempre, USS, diz, grande, maior, milhões, médico, parte, prefeito, sexo, corpo, família, homens, Hospital, morte, mulheres, pode, trabalho, tuberculose, caso, governo, mal, meses, novo, portadores, relação, Secretaria, casa, casos, contaminação, coquetel, diretor, Fundação, hospital, maioria, medo, Ministério, patentes, portador, público, relatório, sociedade, vai, amigo, artista, autor, batalha, bazar, camisinha, desenvolvimento, explica, homem, indústria, lembra, luta, marido, momento, mulher, mãe, passou, personagens, pesquisa, projetos, afirma, artistas, companhias, condições, cura, depressão, deve, diagnóstico, doentes, exames, falta, gente, impeachment, lado, lugar, Municipal, médicos, novos, obra, palco, peça, podem, problema, relações, resistência, semana, sociólogo, viver, voluntário, ação, brasileiros, cenas, controle,

atitude, brasileiros, campanha, causa, coordenador, decisão, desejo, dias, comportamento, condição, direito, doente, EUA, jovens, luz, congelamento, crianças, dinheiro, maiores, medicamento, mercado, expectativa, filho, final, governo, mostra, motivo, noite, OMS, país, grandes, homeopata, informação, positivo, prevenção, quadro, recebeu, Mundo, noite, noticiário, palestras, revelar, saber, social, teste, trabalhos, pesquisa, polícia, preciso, principal, uso, vacina, ver, vítima, Zona, único, programa, próximo, públicos, questão, afirmou, ajuda, Alegre, americano, receber, sabe, serviços, setor, sexuais, apoio, atendimento, cabeça, Caio, simples, social, **soropositivos**, campanha, Cazusa, Centro, cenógrafo, telejornal, televisão, terminal, tipo, Clínica, combate, comprimidos, tratado, usar, visita. contato, críticas, dados, Deus, dá, encontro, escola, escultor, Estado, explícitas, exposição, farmacêuticas, fato, Federal, feliz, festa, filho, gestantes, Grupo, hora, idade, identidade, internado, irmão, legal, local, modelo, montagem, morto, nome, Nunca, obras, organização, passado, pedido, personagem, pesquisas, planos, pobres, poderia, possibilidade, posso, prazer, prefeitura, preservativos, preços, produzir, Programa, públicas, quer, realidade, realizado, resultado, risco, sala, sexuais, situação, **soropositivas**, total, unidade, vem, verdade, época, últimos.

Fonte: A autoria própria.

Observando-se o quadro, pode-se perceber que, tanto para *aidético* quanto para *soropositivo*, as três palavras mais frequentes foram *AIDS*, *doença* e *anos*. As duas primeiras formas já projetam uma conceituação global das palavras-alvo, pois, mesmo com a mudança de uma para outra com o passar dos anos, a noção geral de que o *aidético/soropositivo* é aquele indivíduo que tem uma doença conhecida como *AIDS* não se alterou. Já *anos*, pelo que pôde ser observado nos textos selecionados, possui uma certa diferenciação quanto ao seu uso no período em que *aidético* era hegemônico e no período em que *soropositivo* passou a ser mais frequente. No período de hegemonia de *aidético*, a

noção de *anos* estava mais ligada ao tempo de vida dos doentes, que, na época, era muito curto (em torno de cinco anos, tal como uma das notícias apresentou aos leitores). Já no período em que *soropositivo* se tornou hegemônico, *anos* se tornou uma palavra ligada tanto ao tempo de vida dos doentes – que se tornou maior – quanto ao tempo de pesquisas e de descobertas feitas em relação à AIDS.

Assim como *anos*, outras palavras relacionadas a tempo, como *hora(s)*, *dia(s)*, *semana(s)*, *mês(es)* e até mesmo a palavra *tempo* foram bastante frequentes nos textos selecionados. No período de hegemonia de *aidético*, essas palavras ocorreram para indicar, assim como o tempo de vida dos doentes, fatores como tempo de espera nas filas dos hospitais, tempo de reclusão dos doentes, tempo de espera por respostas dos governantes, entre outras significações. Já no período de *soropositivo*, tais formas lexicais ocorreram, geralmente, para mostrar o tempo de pesquisas, de reuniões, de discussões acerca de vários temas relacionados à AIDS, além de indicar o tempo de espera por medicamentos, no caso do Brasil, fato esse envolvido com as políticas internacionais sobre patentes e comercialização de medicamentos para o controle da AIDS. A espera em hospitais não desapareceu desse campo de significações relacionadas a tempo em *soropositivo* (*Hospital* – instituição específica – e *hospital* – instituição geral – foram dois dos itens mais frequentes nos campos das duas palavras-alvo), mas, de fato, os outros conceitos apresentados no período hegemônico de *soropositivo* foram mais expressivos do que a indicação da relação entre os doentes e a espera nas instituições de saúde, tal como ocorreu no período correspondente a *aidético*.

Seguindo com as políticas de medicamentos, pôde ser notado que esse campo de significações teve uma notável expressão na rede semântica de *soropositivo*. Várias palavras relacionadas a essa área foram utilizadas durante esse período, como *medicamentos*, *patente*, *remédios*, *USS* (dólar), *governo*, *coquetel*, *indústria*, *companhias*, *mercado*, *OMS*, *vacina*, *comprimidos*, *farmacêuticas*, *preços* e *produzir*. A própria questão dos preservativos (camisinhas) e da prevenção foram significações que se fizeram presentes no período hegemônico de *soropositivo*, o que colaborou para o aumento do campo semântico dessa palavra-alvo, em relação a *aidético*.

Outro campo semântico notável, que começou a surgir em *aidético* e que se tornou expoente em *soropositivo*, é o das artes. No caso de *soropositivo*, esse campo é bastante recorrente nos textos, dado que o tema da AIDS entrou para várias manifestações artísticas a partir dos anos 1990, como cinema, teatro e música. Isso se explica também pelo fato de vários artistas se declararem soropositivos, muitos chegando, inclusive, a óbito, como o cantor Freddy Mercury, vocalista da banda de rock britânica Queen, o cantor Cazuza e o escritor Caio Fernando Abreu, no Brasil – ambos muito citados nas notícias e, conseqüentemente, substantivos frequentes na lista de *soropositivo*. De acordo

com as notícias, a classe artística se colocou como uma das maiores responsáveis pela luta contra o preconceito e pelo auxílio, direto e indireto, aos doentes e às suas famílias.

Voltando para as palavras mais frequentes em cada período hegemônico, pode-se perceber que, em *aidético*, as palavras que estão no topo, referentes aos doentes, são *caso*, *pessoas*, *problema*, *risco* e *vida*. Já em *soropositivo*, as palavras relacionadas às pessoas que convivem com o HIV são *pessoas*, *HIV*, *pacientes*, *tratamento* e *vida*. É interessante observar o movimento das palavras em relação à sua frequência em cada grande bloco semântico. No bloco de *aidético*, a primeira palavra utilizada para designar os doentes foi a própria palavra-alvo (se for considerada), seguida de *caso* e de *pessoas*. Já no bloco referente a *soropositivo*, *pessoas* é a palavra que surge primeiro, seguida de *HIV*, *pacientes* e *soropositivo*, propriamente dito (também se for considerada). Pode-se inferir, a partir dessa mudança de concepção do doente, que, no período em que *aidético* foi mais utilizado, os doentes não eram vistos como pessoas em si e como pessoas que necessitam de tratamento médico; em *soropositivo*, os doentes já são vistos primeiramente como pessoas, como pessoas que convivem com o HIV sem necessariamente desenvolverem a síndrome da imunodeficiência, e como pessoas que podem ter acesso a tratamentos de saúde. Tais inferências estão baseadas nas palavras subsequentes a essas citadas: *problema*, *risco* e *vida* em *aidético*, e *tratamento* e *vida* em *soropositivo*. Pode-se afirmar, portanto, que *vida*, bastante frequente nos dois blocos semânticos, não manteve sua significação em ambos: no primeiro bloco, *vida* se contrapõe a *morte*, uma vez que os doentes, teoricamente, não teriam muito tempo de vida; no segundo bloco, *vida* não atrai *morte*, pois os doentes passam a ter sua expectativa de vida aumentada.

Outra mudança notável que se pode perceber, através dos textos, em relação às pessoas que convivem com o HIV, refere-se ao sexo e à orientação sexual do indivíduo. Como pode ser observado no quadro de frequência das palavras, *homossexual(ais)* ocorreu várias vezes no bloco semântico de *aidético*, enquanto que, em *soropositivo*, essa palavra não ocorre, e no lugar aparecem *homem(ns)* e *mulher(es)*. Isso não quer dizer que essas últimas palavras não ocorrem no primeiro bloco hegemônico. O que se quer mostrar é que a AIDS era vista, nos seus primórdios, como uma doença dos homossexuais, considerados, na época, como o grupo de risco. Isso gerou um aumento no preconceito contra os *gays*. No entanto, descobriu-se que a doença não se limitava apenas a esse grupo, passando a atingir os heterossexuais, tanto homens quanto mulheres. Esse fato levou ao desaparecimento de *homossexual(ais)* no bloco de *soropositivo*, e ao aumento do uso de *homens* e *mulheres*.

Um ponto que chama a atenção nos blocos hegemônicos é o uso da palavra *preconceito*. No período em que *aidético* foi mais utilizado, a ideia de preconceito quase não circulava no imaginário social, em relação à AIDS. Tal ideia só foi aparecer um pouco mais tarde nas palavras mais frequentes desse bloco hegemônico, isso porque o

preconceito só começou a ser visto depois de algum tempo, quase já no período em que *soropositivo* se tornou a forma mais utilizada. Esse fato se confirma ao se observar a posição em que *preconceito* ocorre no bloco referente a *soropositivo*, uma das formas lexicais que mais ocorreram nos textos que compõem esse bloco (21ª palavra mais frequente).

Além da atenção ao preconceito que se evidenciou na época hegemônica de *soropositivo*, foi aumentada também a atenção dada à AIDS e aos doentes por parte das instituições governamentais, tanto nacionais quanto internacionais. Isso pode ser verificado ao se observar, no bloco de *soropositivo*, a recorrência maior de palavras como *governo, países, EUA, Brasil, Municipal, OMS, Estado, Ministério, Federal, prefeitura e Programa* (com letra maiúscula, por se tratar de programas governamentais relacionados à prevenção e ao tratamento da AIDS). A falta de envolvimento das instituições governamentais no período hegemônico de *aidético* (tal como algumas notícias veicularam) pode ser uma das causas de essas instituições não ocorrerem com muita frequência nesse período. Uma observação: *Brasil*, item bastante frequente em ambos os períodos de hegemonia de cada forma em estudo, foi utilizado tanto para indicar o país com um dos maiores índices da AIDS no mundo (algo predominante em *aidético*), quanto para mostrar a origem de certas instituições governamentais, e também outras, como hospitais e universidades (algo mais expressivo em *soropositivo*). Pode-se afirmar, portanto, que houve uma institucionalização da doença.

Para finalizar esta subseção, fazem-se alguns breves comentários sobre certas palavras bastante recorrentes em *aidético* e em *soropositivo*. Percebe-se a presença constante de *grupo(s)* em ambos os grupos hegemônicos, e de *buddy(ies)*, em *aidético*. Pelo que as notícias veicularam, a formação de grupos de auxílio foi uma prática constante a partir do avanço da doença e do preconceito que os doentes passaram a sofrer, e essa prática não foi exclusiva do Brasil. Essa preocupação com o auxílio às pessoas que convivem com o HIV se tornou mais expressiva em *soropositivo*, pela justificativa de aparecer *África* quase no topo das palavras mais frequentes do bloco. Como é sabido, a África é o continente em que os índices de óbitos por AIDS são os mais altos do mundo; é uma população assolada pela doença e que dispõe de poucos recursos para sua prevenção e tratamento. Os grupos de auxílio, portanto, se fazem bastante presentes na realidade da AIDS, bem como *camisinha* e *sexo*, uma das formas mais eficazes de prevenção e uma das formas de contágio mais recorrentes, respectivamente. Ainda há muitas discussões sobre o *dinheiro* e as classes sociais (especialmente os *pobres*), em relação ao acesso ao tratamento da AIDS, o que explica, de certa forma, o aparecimento dessas palavras na lista de formas mais frequentes.

Após essa breve descrição dos contextos intralinguísticos relacionados aos campos semânticos dos qualificadores aqui estudados, passa-se para a segunda parte das análises,

a qual é focada no contexto extralinguístico, ao considerar o sexo do informante como variável sociolinguística a ser analisada, e também no contexto intralinguístico, tomando, agora, como objeto de análise, a posição em que a forma *soropositivo* ocorre na cadeia referencial dos textos selecionados.

5.2 VARIÁVEIS SEXO E POSIÇÃO NA CADEIRA REFERENCIAL: UMA ABORDAGEM SOCIOLINGUÍSTICA E TEXTUAL

Nas subseções seguintes, abordamos o sexo do falante e sua relação com o uso das lexias estudadas, bem como o surgimento da forma *soropositivo* na cadeia textual. Aqui, portanto, são abarcados os princípios sociolinguísticos e textuais que foram citados na descrição da metodologia.

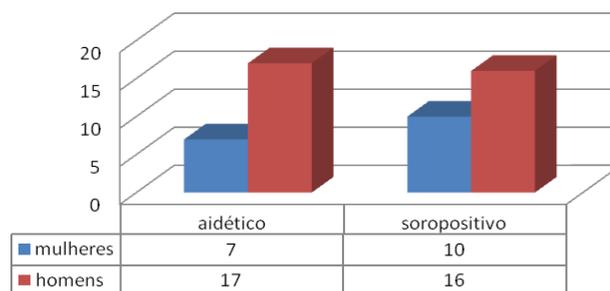
5.2.1 Sexo

Pelos resultados obtidos, foi possível observar que as formas *aidético* e *soropositivo* foram majoritariamente utilizadas por pessoas do sexo masculino. No entanto, é preciso atentar ao fato de que a maioria dos textos utilizados para esta pesquisa é de autoria masculina (64%). Isso pode ter acontecido pelo fato de a equipe do jornal, na época, ser constituída de mais homens do que de mulheres, além de ser o sexo masculino o responsável pela maior parte dos diagnósticos e das entrevistas sobre os temas que perpassam a AIDS. Além disso, uma vez que a variável diacrônica se sobressai neste estudo, devido ao método de Cambraia (2013), a variável *sexo* apresentou problemas na coleta dos dados, conforme descrito na metodologia. Contudo, mesmo com tal discrepância, puderam ser observados comportamentos linguísticos femininos que vão ao encontro dos postulados sociolinguísticos para a variação de sexo.

Em se tratando dos textos utilizados para a análise do vocábulo *aidético*, foi possível perceber que o termo foi introduzido por uma mulher, sendo, mais tarde, majoritariamente utilizado por homens. Estabelece-se, portanto, uma contrariedade com o postulado sociolinguístico de que os homens é que introduzem os neologismos, pois foi o sexo feminino que utilizou primeiro o nome *aidético*. Assim, tendo em vista essa contrariedade, houve a necessidade de se verificar nos primeiros textos que veicularam *aidético*, fora dos períodos analisados, se o usuário da palavra pertencia ao sexo feminino ou ao masculino, e, indo ao encontro do postulado sociolinguístico citado, o sexo masculino foi o primeiro usuário do termo novo àquela altura. Não serão feitas afirmações contundentes em relação a esse resultado, devido aos possíveis viesamentos que o método pode ter acarretado; faz-se necessário, portanto, confirmar esses dados em outros *corpora*.

O termo *soropositivo*, diferentemente do que foi possível observar com relação a *aidético*, foi introduzido, no *corpus* em análise, por um homem e, também, majoritariamente utilizado por pessoas do sexo masculino. Entretanto, pode-se perceber, em relação ao sexo feminino, que, mesmo em menor aparição, as mulheres fazem um uso maior de *soropositivo* em relação a *aidético*, enquanto que o sexo masculino mantém um equilíbrio de uso das formas. Esse resultado pode ser melhor visualizado no gráfico a seguir:

Gráfico 1 –Uso de *aidético* e de *soropositivo* por sexo



Fonte: Autoria própria.

Esses resultados para *soropositivo* corroboram o postulado sociolinguístico de que o homem introduz a forma nova e, se esta tem uma avaliação subjetiva positiva (prestígio), a mulher é que desencadeia o processo de mudança ao utilizar mais a forma inovadora. Mesmo assim, há a necessidade de confirmação desses índices em outros *corpora*, já que os estudos de natureza sócio-histórica se valem, principalmente, de dados empíricos, e o método aqui adotado para a análise do sexo pode ter sido viciado por fatores que estavam fora do seu alcance.

5.2.2 Posição da forma nova na cadeia referencial

Geralmente, na cadeia referencial de um texto, itens lexicais novos que são sinônimos de outros mais antigos tendem a aparecer após esses itens já conhecidos. Isso porque, como se tratam de neologismos, os leitores não saberão seus significados, se eles não forem introduzidos por formas sinônimas que, por referência, definam tais formas novas. Dessa maneira, verificou-se a ocorrência de *soropositivo* na cadeia referencial dos textos coletados, no intuito de atestar que a referida lexia é um sinônimo de *aidético*, mas de uso mais recente, justificando a escolha do par de qualificadores selecionados para este trabalho.

No caso da AIDS, desde o princípio, houve uma preocupação com a terminologia, especialmente por se tratar de uma doença recém-descoberta. Por esse motivo, as

primeiras aparições dos termos relacionados à doença quase sempre estiveram condicionadas à apresentação de vocabulários, conforme pode ser visto na página de jornal a seguir, reproduzida do Jornal do Brasil de edição do Jornal do Brasil consultada.

Figura 3 – Página de edição do Jornal do Brasil que contém vocabulário sobre a AIDS

8 □ **CADERNO B ESPECIAL** □ domingo, 11/1/87

F.A.S. — 30 anos, homossexual, vítima de Aids, dá um conselho: "Cuidado, cautela".

Ele sabe e vai morrer

ABC da Aids

Internado na Divisão de Doenças Infecto-Parasitárias do Hospital Universitário da UFPR, F.A.S. está com o corpo tomado pelo sarcoma de Kaposi, com meningite provocada por *Cryptococcus* e com *Candida Albicans*, infecção que atinge também a boca. Já sem as fortes dores de cabeça que os atormentavam há alguns dias, recebeu a reportagem de **JORNAL DO BRASIL** para falar sobre a experiência com a Aids.

Na cabeceira da cama, o Bibi, onde busca forças, outros filhos e um rádio de pilha. F.A.S.riu algumas vezes, disse que se quisesse voltar atrás mudaria seu "modo de vida". Respondeu também algumas perguntas e pediu que as pessoas tomassem precauções com a doença. No quarto, um dos três leitos assistia a ausência de outro doente. Um pequeno banco tem um cartaz onde se lê: "Para não me esquecer".

ABC da Aids

• **Aids** — Pessoa que contraiu a Aids ou sofre dessa doença.
 • **Carreador** — Pessoa que contraiu o vírus de Aids, não desenvolve sintomas da doença e os transmite para parceiros sexuais que não tomam precauções antes do coito. Também chamado de portador assintomático.
 • **Grupo de risco** — Pessoas que são homossexuais, hemofílicos ou viteladas em drogas injetáveis. Alguns especialistas não gostam dessa nomenclatura por causa do preconceito que ela pode causar.
 • **HIV-1, LAV e HIV** — Siglas para o vírus da Aids. HIV-1 ou HTLV-III é o vírus Humano T Leukemia Lymphoma Virus.
 • **LAV e do Francez** Lymphadenopathy Virus. HIV (Human Immune Deficiency Virus) é a nova nomenclatura.
 • **Infeções oportunistas** — Infeções provocadas por fungos e bactérias, que se repetem em quem é portador de Aids, e que o leva à morte. Já que não tem defesa imunológica.
 • **Infeções** — Aids de defesa imunológica.
 • **Politransfundido** — Pessoa que já recebeu várias transfusões de sangue, como os hemofílicos. Risco não obrigatório, constantemente, a receber um derivado do sangue (fator B) vital à coagulação.
 • **Pre-Aids** — Estágio brando da doença.
 • **Quase tempo tem isso?**
 • **Quais foram as mudanças mais preocupantes?**
 • **Quais foram as mudanças mais preocupantes?**
 • **Quais foram as mudanças mais preocupantes?**

Fonte: Ministério da Saúde
 Obs.: Tanto médicos quanto autoridades do Ministério da Saúde calculam que haja uma subnotificação que varia de cuidado para estado, de 30% a 50%. Essa variação pode elevar o número de casos para 1 mil 200.

Fonte: Jornal do Brasil.

Nos dados aqui analisados, além da presença de vocabulários, a cadeia referencial do termo *soropositivo*, forma neológica que se opõe à *aidético*, obedece aos preceitos de referência de termos novos:

- 1ª ocorrência: 1987 – pessoas portadoras do vírus > soropositivo [autoria masculina (Fritz

Utzeri) – notícia]

- **2ª ocorrência:** 1991 – *aidéticos* > *aidéticos* > *vítimas* > *com teste positivo* > *soropositivo* [autoria feminina (Susana Schild) – notícia]
- **3ª ocorrência:** 1991 – *contaminado com o vírus HIV* > *suspeito de ter o vírus HIV* > *soropositivo* [autoria masculina em discurso direto (Brad Davis – ator) – notícia]

Como se pode observar, em nenhuma das primeiras ocorrências de *soropositivo*, esse termo apareceu encabeçando a cadeia referencial, justamente por se tratar de um nome novo, o qual ainda não tinha definição pronta. Esse fato justifica os primeiros sintagmas que ocorreram antes do termo novo – uma tentativa de defini-lo. A coesão referencial de *soropositivo*, portanto, converge para o que os estudos sobre coesão textual apontam: termos novos não iniciam cadeias referenciais. Portanto, *aidético/soropositivo* pode ser considerado um par de lexias que se encaixa nos estudos de lexicologia sócio-histórica. Assim, pode-se afirmar que, mesmo sendo consideradas formas sinônimas, a mudança de posição de *soropositivo* na cadeia referencial em relação a *aidético* e a consequente suplantação daquele sobre este refletem a mudança do pensamento social em relação ao uso dessas palavras no contexto atual da AIDS.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinteticamente, pode-se afirmar que *aidético* foi adquirindo uma conotação negativa durante sua evolução, o que foi o pontapé inicial para a introdução de uma nova palavra para substituir essa forma, até então, hegemônica. *Soropositivo*, portanto, entrou institucionalmente no vocabulário médico e, depois, no vocabulário comum, para designar o mesmo referente de *aidético*, mas de maneira positiva, tendo em vista que seu “sinônimo” não era mais benquisto. Tal mudança no padrão de uso de cada uma dessas formas foi perpassada por fatores internos à língua, mas os fatores externos se destacam muito mais nesse sentido, pois foram mudanças sociais (preconceito, evolução científica, tratamento, institucionalização, etc.) que acarretaram esse fenômeno de sobreposição de formas lexicais.

De maneira geral, os resultados aqui obtidos corroboram as teorias que embasam os estudos sócio-históricos. Notou-se, por exemplo, que a variável sexo seguiu, de certa maneira, os postulados da Sociolinguística Laboviana, e que os mecanismos de coesão referencial foram obedecidos, no que diz respeito à introdução e ao uso de formas neológicas em textos. Houve alguns problemas em relação à aplicação do método, porém tais complicações são inerentes a qualquer pesquisa que se vale de muitas variáveis. Dessa maneira, torna-se importante comparar e completar as análises aqui feitas com

outras do mesmo tipo, para que se possa chegar a conclusões mais pontuais.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CAMBRAIA, C. N. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, jan./jun. 2013.
- CANÇADO, M. Semântica lexical: uma entrevista com Márcia Cançado. **ReVEL**, v. 11, n. 20, 2013.
- GEERAERTS, D. **Theories of lexical semantics**. New York: Oxford University Press, 2010.
- LABOV, W.; WEINREICH, U.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística** (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola, [1968] 2006.
- LABOV, W. Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, M. S.; NEVES, M. F. (Orgs.). **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 49-85. Edição original: 1964.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. v. 1. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. v. 2. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos** (Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.
- MATORÉ, G. **La méthode en lexicologie: domaine français**. Paris: Didier, 1953. [2. ed. ampl., 1973].
- SEVERO, C. G. O papel do gênero/sexo nos estudos sociolinguísticos de variação/mudança. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 8, p. 01-08, 2006.

Título em inglês:

AIDÉTICO AND SOROPOSITIVO: A SOCIO-HISTORICAL ANALYSIS OF THE COMPETITION BETWEEN QUALIFIERS USED TO REFER TO HIV CARRIERS



INVENTARIO